

190 Mamprin fotografa índio brasileiro e expõe em Ctba



A beleza e a inocência do índio...



... são mostradas nas fotos de Mamprin.

Será aberta hoje, às 21 horas, no hall do Museu Guido Viaro, a exposição de fotografias de Luigi Mamprin. Patrocinada pela Du Pont do Brasil, esta mostra permanecerá aberta até o dia 16 de novembro, no horário de 14 às 20 horas. Profundamente interessado pela nossa problemática indígena ele documentou inúmeras tribos (algumas já extintas) e seu trabalho se constitui em fontes de estudos para os interessados na área.

UM IDEALISTA

Mamprin trabalhou em vários jornais e revistas de renome nacional. Embora as fotografias que compõem a atual mostra fossem selecionadas pelo próprio Mamprin, sem nenhuma imposição ou sugestão do tema, elas vêm ao encontro da finalidade do programa que é incentivar o amor por tradições e valores brasileiros.

"Acho que o profissional tem que ser versátil", assegura Mamprin não gosto de fazer fotos de estúdio, mas se tiver que fazê-las, não me recuso. Recuso isso sim fazer fotos para capas, existe quem faz isto melhor do que eu; agora em reportagem sempre me saio bem".

"Os trabalhos sobre os índios são fruto desta sensibilidade que Mamprin exercita em favor dos mais carentes". Quando eu era adolescente em Veneza, minha cidade natal, eu jurei não morrer sem ver um índio de perto. Na minha imaginação eles usavam plumas enfeitadas. E, muitos anos mais tarde, quando os encontrei vi umas criaturas peladas, esqueléticas. Confesso: tive uma decepção. A primeira oportunidade de realizar meu sonho de adolescente deu-se em 1949, quando estava nas "Folhas". Conheci os Villas Boas numa reportagem feita pelo Pirozzelli sobre o encontro da ossada de um explorador holandês que tinha sido morto pelos Calpalos muitos anos antes. Algum tempo depois já trabalhava no "Cruzeiro" fui para as selvas com um grupo de cardiologistas de São Paulo que foi fazer um estudo sobre as condições cardiológicas dos índios. Nessa época estabeleci uma grande amizade com o Cláudio Villas Boas, pessoa de pouco falar mas com quem me relaciono muito bem. Posso dizer que foi também aí que me fixei no problema do índio. Meus primeiros contatos não passaram de aventura e curiosidade. Depois fui conhecendo melhor os índios. É uma entidade a ser defendida por todos.

MAMPRIN

"Quando eu tinha 16 anos, comecei a trabalhar porque minha mesada era magra e eu via meus amigos com dinheiro para o cinema, bicicletas, etc., e me sentia meio marginalizado porque só estudava. Meu pai ficou muito desgostoso. Trabalhei em muitas coisas, fui até bibliotecário. Um dia entrei como auxiliar de um fotógrafo que era conhecido do meu pai e lá aprendi tudo, desde o começo. Eu fazia uma ou outra foto para o jornal local e, depois da guerra, andei colaborando também numa revista. Fui convocado para a guerra e quando ela terminou procurei meu antigo

patrão que disse: - que bom que você está vivo, desejo que encontre um bom emprego.

Na Itália o desemprego era muito grande e através de amigos soube que no Brasil havia trabalho para todo o mundo. Vendi um barquinho à vela que eu tinha e paguei metade da viagem.

Cheguei aqui e comecei a trabalhar numa loja de material fotográfico; depois, passei para outra e conheci alguém de quem me tornei amigo pelo resto da vida.

A loja fechou e o dono disse que arrumava emprego para nós dois. Fomos trabalhar nas "Folhas" em 1949. Com o tempo, meu amigo, hoje o deputado Audálio Dantas, que era laboratorista, passou para a redação e eu fui para a Vera Cruz. Depois vieram tantos outros jornais e revistas, não vou enumerá-los. No momento, estou trabalhando para a revista Cláudia.

Acho que o profissional tem que ser versátil. Não gosto de fazer fotos de estúdio, mas se tiver que fazê-las, não me recuso. Recuso isso sim, fazer fotos para capas. Existe gente que faz isso melhor do que eu. Agora, em reportagens, sempre sei que saio bem.

Quem sustenta que o jornalista tem que ser insensível, profissional, comete um erro. Ele tem que se deixar envolver para fazer um bom trabalho. Quando eu trabalhava para o Mundo Ilustrado, fui fazer a cobertura da grande seca de 1958. Eu e o repórter procurávamos os retirantes, mas só encontrávamos casas abandonadas e pastos secos. Até que vimos um homem e sua família, umas nove pessoas entre crianças e adultos. Lembro-me que subi no jipe para fotografar o homem com a criança no colo. As lentes embaçaram porque eu estava emocionado com a cena. Talvez essa seja a foto de que eu mais gosto. Desci do jipe, peguei todo o dinheiro que tinha no bolso e dei ao homem. Se você não se deixar emocionar, não consegue transmitir ao leitor a realidade.

Meus trabalhos com os índios sofrem dessa, digamos, dependência amorosa. Quando eu era adolescente, em Veneza, minha cidade natal, eu jurei não morrer sem ver um índio de perto. Na minha imaginação eles usavam plumas, enfeitadas. E, muitos anos mais tarde, quando os encontrei, vi umas criaturas peladas, esqueléticas. Confesso: tive uma decepção.

A primeira oportunidade de realizar meu sonho de adolescência, deu-se em 1949, quando estava nas Folhas. Conheci os Villas Boas, numa reportagem feita pelo Pirozzelli sobre o encontro da ossada de um explorador holandês que tinha sido morto pelos Calpalos muitos anos antes. Algum tempo depois, já trabalhando no Cruzeiro, fui para as selvas com um grupo de cardiologistas de São Paulo que foi fazer um estudo sobre as condições cardiológicas dos índios. Nessa época estabeleci uma grande amizade com o Cláudio Villas Boas, pessoa de pouco falar, mas com quem me relaciono muito bem. Posso

dizer que foi aí também que me fixei no problema do índio. Meus primeiros contatos não passaram de aventura e curiosidade. Depois fui conhecendo melhor os índios. É uma entidade a ser defendida por todos.

A melhor situação para o índio é ficar no meio do mato. Se isso for impossível, por causa das frentes pioneiras, deve-se removê-lo para lugar seguro.

Os primeiros contatos que os índios têm com a civilização é a pior possível. Veja o exemplo dos Kren-a-Korore. Eram 300 em 73 e um ano depois, restavam 70. Estive em 1972 com eles, seis meses - numa viagem fiquei quatro meses e em outra, dois. No caso deles a pacificação foi um desastre. Não houve o menor cuidado. Retiraram os Villas Boas da expedição e colocaram outro sertanista que introduziu vários vícios entre eles".

Durante muitos anos, Luigi Mamprin, repórter fotográfico de vários jornais e revistas, acompanhou o trabalho dos irmãos Villas Boas, registrando aspectos da vida e das culturas Kren-a-Korore, Kamaurás, Kalapalos, Jurunas e Cajabís. Treze fotografias - pequena parcela desse valioso documentário etnográfico e artístico - compõem a mostra do fotógrafo que a Du Pont do Brasil montou e apresenta agora em Curitiba, com a colaboração da Fundação Cultural de Curitiba.

A idéia inicial era restringir a exposição aos funcionários da Empresa, com o sentido de homenagem pelo seu trabalho. O interesse despertado, mesmo antes da sua inauguração, pelo noticiário da imprensa, ampliou, entretanto, essa primeira orientação, não só com relação a ela, mas às outras mostras previstas dentro da mesma série (em novembro, deverá inaugurar-se em São Paulo, a mostra da fotógrafa Maureen Bisilliat), possibilitando uma abertura também para todo o público. Isso implicou, igualmente, na mudança do circuito que a exposição iria percorrer. De início, ela estava prevista só para as localidades onde a Du Pont do Brasil tem Unidades e Filiais: São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre, Recife, Diadema, Paulínia, Barra Mansa e Cumbica. Algumas cidades, porém, fora do circuito, manifestaram interesse. Assim é que, após Curitiba, a exposição irá para Sorocaba, no Estado de São Paulo, atendendo ao convite do Departamento Cultural da Prefeitura Municipal local. Outras cidades já fizeram idêntico convite.

AS FOTOS

Das fotos expostas, todas elas selecionadas pelo próprio Mamprin, quatro mostram os irmãos Villas Boas e seu trabalho de atração sendo desenvolvido. A colocação dos presentes para a troca, o chamado, a fase que Cláudio Villas Boas chama de "namoro". Depois uma foto histórica: o registro do momento exato em que pela primeira vez um índio Kren-a-Korore toca um objeto de metal - a passagem da idade da pedra para a idade do ferro. As restantes registram aspectos do dia-a-dia dos índios.